

PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO NA ÁSIA*

Apresentação

O dossiê apresentado neste novo número da *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica* inclui artigos de pesquisadores (professores doutores e doutorandos) que vivem, trabalham ou desenvolvem pesquisas na Ásia. Historicamente, do ponto de vista europeu, a Ásia é um lugar extremamente longe [“ailleurs extreme”], com uma forma de exterioridade radical. No final do século XIX, a região asiática é denominada de diversas maneiras entre “Ásia Oriental” e “Extremo Oriente”. O termo “*Far East*” surge no Império Britânico, para se referir ao longínquo Oriente, cujas regiões exigiam longas viagens para serem alcançadas. A emergência de um território “muito distante” consagra-se durante esse período em toda a Europa: “Os equivalentes ingleses do *Far East*, em alemão: *Ferner Osten*, no italiano: *Estremo Oriente*, em espanhol e português: *Extremo Oriente* parecem ter surgido na mesma época” (DÉTRIE; MOURA, 2001, p. 5).¹ Assim, em função do alargamento da distância, do ponto de vista europeu, o espaço que separa os dois continentes teve que ser dividido entre o Próximo, o Médio e o Extremo Oriente (MOURA, 2001).² Então, como podemos pensar a Ásia quando estamos no Brasil e, mais especificamente, em

Salvador/Bahia, lugar da edição e publicação da Revista e deste número. A Ásia se situa do outro lado do globo, sendo o Japão a “diagonal geográfica” do Brasil.

A constituição de um além, quer seja pensado na escala da história do sujeito, de uma comunidade, de um país ou de um continente, é menos determinado pela distância geográfica do que pelas dinâmicas históricas e culturais. Deste ponto de vista, as relações entre o Brasil e a Ásia contêm a história que, segundo cada época, foi construindo um imaginário. Como salientou Augustin Berque (2016),³ o estudo dos ambientes humanos pressupõe, antes de tudo, um interesse pelas maneiras de habitar individualmente os espaços e os lugares. De um ponto de vista hermenêutico, as maneiras de habitar podem ser apreendidas a partir das “artes de dizer” e das “artes de fazer” (DE CERTEAU, 1990),⁴ da diversidade dos modos de dizer, de contar a vida, de dialogar sobre a experiência. Embora permanecendo cautelosamente distante das limitações de um culturalismo que reificaria as práticas, atribuindo-lhe de forma definitiva características típicas de uma cultura reificada, é possível interrogar a singularidade das práticas narrativas e biográficas da Ásia. Com efeito, como observava Denzin, em 1996,⁵ se a época contemporânea está marcada por um “momento narrativo”, esta tendência não é evidente no espaço asiático, cujos modos de expressão de si e as modalidades do dizer

* Tradução de Maria da Conceição Passeggi (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Cidade de São Paulo) e Elizeu Clementino de Souza (Universidade do Estado da Bahia).

1 DÉTRIE, Muriel; MOURA Jean-Marc, “Introduction”. **Revue de littérature comparée**, Paris, Klincksiek, 2001/1, 4. 297, p. 5-11, 2001. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-de-litterature-comparee-2001-1-page-5.htm>>. Acesso em: 13 set. 2019.

2 MOURA, Jean-Marc. L’(Extrême)-Orient selon G. W. F. Hegel. Philosophie de l’histoire et imaginaire exotique. **Revue de littérature comparée**, Paris, Klincksiek, v. 4. n. 297, p. 31-42. 2001. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-de-litterature-comparee-2001-1.htm>>. Acesso em: 13 set. 2019.

3 BERQUE, A. **Médiance de milieux en paysage**. Paris: Berli, 2000.

4 DE CERTEAU, Michel. **L’invention au quotidien. Arts de faire. Tome 1**. Paris: Folio. 1990.

5 DENZIN K. Norman. **Interpretative ethnography**. New York: Sage Publication, 1996.

circulam de acordo com formas, ritmos e temporalidades singulares (JULLIEN, 2013;⁶ BILLETTER, 2015⁷). No entanto, é possível apreender essas práticas narrativas com base no que circula no nível infralinguístico, na superfície do dizível, à escala do sensível. Vários eixos podem contribuir para a descoberta de espaços de pesquisa através do diálogo, advindo de uma antropologia do narrativo no âmbito das ciências humanas e sociais: o exame dos modos de passagem da experiência para a linguagem, os processos de narrar o vivido, a circulação de pontos de vista e tipos de memória gerados, formas de elaboração coletiva dos discursos e das narrativas.... A apreensão e o estudo dessas formas singulares de expressão na primeira pessoa (DEPRAZ, 2014),⁸ na Ásia, é, portanto, susceptível de ampliar o campo da pesquisa sobre (e com) abordagens narrativas e biográficas.

Dois eixos serão abordados especificamente neste Dossiê: (1) o lugar dado às narrativas nas pesquisas em ciências humanas e sociais na Ásia; e (2) a função e os efeitos da narrativa do ponto de vista das dinâmicas de formação individual e coletiva. Quanto ao primeiro eixo, o ano de 2018 foi a ocasião de se organizar na França, Polônia e em toda a Europa, eventos científicos e colóquios para celebrar o centenário da publicação, em 1918, do livro de William Thomas e Florian Znaniecki: *O camponês polonês na Europa e na América*.⁹ Este livro, baseado na história de vida de um migrante polonês nos Estados Unidos, em Chicago, constitui o momento inaugural para a difusão das abordagens que mobilizam as práticas de narração biográfica no

campo da pesquisa nas ciências humanas e sociais. O uso da narrativa nas ciências sociais, conforme teorizou Bertaux (1981),¹⁰ permite compreender, do ponto de vista dos sujeitos que falam, que narram sua experiência, como eles configuram sua narrativa numa história. Esta conversão do olhar pela qual o pesquisador suspende (ou procura suspender) as formas de evidência que permeiam sua forma de pensar no mundo, a fim de se colocar à disposição do que circula no nível do sensível, do percebido e do lógico na história do outro, seja uma pessoa, um grupo ou um coletivo (KAUFMAN; TROM, 2010),¹¹ caracteriza as correntes da pesquisa qualitativa e compreensiva. O que se pode dizer sobre isso na Ásia? Qual é o estatuto atribuído a essas formas de conhecimento constituídas pelas narrativas da experiência? Quais são as relações dialéticas entre os saberes na primeira pessoa e aqueles na terceira pessoa, fundados em critérios mais extensivos e considerados representativos?

O segundo eixo envolve outros desafios. Ele diz respeito às práticas educativas e à função da narrativa nas dinâmicas da formação de si. Com efeito, se a narrativa caracteriza um modo de constituição dos conhecimentos para a pesquisa biográfica (DELORY-MOMBERGER, 2019),¹² ela é também uma prática de formação de si – ou de uma “técnica de si” (FOUCAULT, 1981/1982),¹³ – notadamente para a corrente das “histórias de vida em forma-

6 JULLIEN, François. **Si parler va sans dire**. Paris: Grasset, 2013.

7 BILLETTER, J-F. **Leçons sur Tchouang-Tseu**. Paris: Allia, 2015.

8 DEPRAZ, N. (Dir.). **Première, deuxième, troisième personne**. Bucarest: Zeta Books, 2014.

9 THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. **The Polish peasant in Europe and America**. Chicago: University of Illinois Press, 1918, [1996].

10 BERTAUX, D. (Ed.). **Biography and society**. London: Sage, 1981.

11 KAUFMANN, Laurence; TROM, Danny. Présentation. Qu'est-ce-qu'un collectif: du comum à plitique. **Raisons Pratiques**, Lyon, Bibliothèque Sciences Po Lyon, n. 20, p. 9-24. 2010. Disponível em: <https://signal.sciencespo-lyon.fr/numero/35483/Qu-est-ce-qu-un_collectif_du_commun_a_la_politique>. Acesso em: 13 set. 2019.

12 DELORY-MOMBERGER, Christine. (Dir.). **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. Paris: Eres, 2019.

13 FOUCAULT, M. **L'herméneutique du sujet. Cours au Collège de France**. Paris: Gallimard, 1981/1982.

ção” (PINEAU; LE GRAND, 2019).¹⁴ Assim sendo, desde a publicação do livro de Gaston Pineau com Marie-Michèle, em 1983, a corrente das histórias de vida em formação concebe a narrativa como uma abordagem pela qual o sujeito “se apropria de seu poder de formação” (PINEAU; MARIE-MICHÈLE, 1983),¹⁵ em uma dinâmica de emancipação das relações com saberes escolares (ILLICH, 1980).¹⁶ É, sobretudo, a partir dessa perspectiva política e ética que a corrente das histórias de vida em formação se espalhou pela Europa, Estados Unidos, Canadá, Brasil (SOUZA, 2011).¹⁷ O que acontece no Japão, na Índia, na Coreia ou na China? Quais são as práticas educativas que dão lugar à narrativa como modalidade educativa, meio de reconhecer os saberes da experiência, forma de transição entre os saberes adquiridos no trabalho e aqueles ensinados em sala de aula?

Pouco conhecidos na Europa e no Brasil, os trabalhos vindos da Ásia estão ausentes das bibliografias europeias e sul-americanas. O objetivo deste Dossiê é apresentar a vitalidade da pesquisa asiática, com trabalhos provenientes de diferentes áreas geográficas, espaços regionais, redes de pesquisa e de cooperação acadêmica. Trata-se acima de tudo de dar visibilidade à singularidade das pesquisas contemporâneas desenvolvidas por pesquisadores engajados em trabalhos com as abordagens das histórias de vida e da pesquisa biográfica no continente asiático. Diante da vastidão deste continente que, do lado de dentro, está longe de ser vivido como um todo ou uma união, o método escolhido para apreender a diversidade dos trabalhos foi proceder em

duas etapas e, portanto, preparar duas edições que aparecerão em dois números distintos da Revista.

Assim, este Dossiê apresenta a primeira parte dos trabalhos sobre as práticas narrativas e biográficas na Ásia. Ele contém principalmente pesquisas desenvolvidas no Japão, dos oito artigos publicados, sete são de pesquisas realizadas no Japão. Esta forte presença de artigos do Japão não é um acaso. Desde o início dos anos 2000, uma forte cooperação se desenvolveu entre redes de investigadores japoneses e a Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação. É disto que trata o primeiro artigo *Histórias de vida no Japão: trajetórias de vida, encontros internacionais e dinâmicas coletivas*, que historiciza a dinâmica de redes em uma história produzida com base em entrevista biográfica, gravada em 31 de julho de 2019, em Kobe, no Japão, de Hervé Breton com o Professor Makoto Suemoto, que está concluindo a tradução do livro de Gaston Pineau e Marie-Michèle, “*Produire sa vie: autoformation et autobiographie*” [Produzir sua vida: autoformação e autobiografia].

O segundo artigo – *Autoformação de uma aldeia em Okinawa e a mudança de consciência coletiva: perspectivas para pensar sobre a história da vida coletiva no Japão* – é de Makoto Suemoto. As práticas narrativas e biográficas são estudadas como meio de constituição dos processos de aprendizagem comunitárias. A noção de aprendizagem é pensada do ponto de vista da educação popular, baseada nas noções de resistência e emancipação. A perspectiva situa-se no cruzamento das ciências da educação, educação popular, abordagens narrativas e etnografia. O cenário da pesquisa se situa em Okinawa, em aldeias que tiveram de viver, após os horrores da Segunda Guerra Mundial, a implantação de bases americanas. Ao examinar as dinâmicas coletivas

14 PINEAU, Gaston; LEGRAND, Jean-Louis. **Les histoires de vie**. Paris: PUF, 2019.

15 PINEAU, Gaston; MARIE-MICHÈLE. **Produire sa vie: autoformation et autobiographie**. Montréal: Éditions Saint-Martin, 1983.

16 ILLICH, I. **Une société sans école**. Paris: Seuil, 1980.

17 SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biographie: écrits de soi et formation au Brésil**. Paris: L’Harmattan, 2011.

geradas pela narrativa e seus efeitos a longo prazo, o Professor Suemoto contribui, através deste texto e de vários outros, para abrir perspectivas de pesquisa sobre as dialéticas entre narrativas de si e histórias de vida coletivas e comunitárias.

O terceiro artigo – *Pesquisa baseada em narrativa e práticas psicossociais no Japão* – do Professores Masayoshi Morioka, Kakuko Matsumoto e Koichi Hirose, interroga as origens, os usos e efeitos das práticas narrativas entre abordagens terapêuticas e formação do sujeito. A perspectiva da singularidade das abordagens narrativas no Japão realiza-se mediante um entrecruzamento dos trabalhos pioneiros do pesquisador japonês Hayao Kawai com as teorias narrativas de Jerome Bruner. São também analisadas as dimensões culturais que orientam e influenciam tanto os domínios de expressão quanto os de recepção das narrativas. Esta análise toma como base o conceito, muito particular, de “Ma”, que se refere ao mesmo tempo aos intervalos relacional e espacial entre o sujeito e seu ambiente. O conceito “Ma” é mobilizado no artigo para pensar as dialéticas relacionais entre o sujeito, seu ambiente e os acontecimentos que marcaram sua história de vida.

No artigo seguinte, *Narrativas de professores sobre educação para a vida: um exemplo da abordagem narrativa e biográfica no Japão*, Sunami Inoue apresenta uma pesquisa de doutorado sobre histórias de vida como método de pesquisa para entender os processos que participam (ou não) da implicação de professores no Japão. O estudo focaliza também as práticas de ensino, interrogando os desafios do trabalho narrativo, durante a pesquisa, para compreender práticas profissionais e o significado que elas podem ter concretamente em situações de trabalho. A pesquisa é realizada em uma perspectiva longitudinal, histórica e societal, do ambiente sociopolítico que in-

cide sobre as condições reais de trabalho das profissionais da educação no Japão.

O quinto texto, *A história de vida de Naito Masu: uma mulher pioneira na educação de mulheres na província de Yamanashi no início do período Meiji*, de Atsuko Kawata e Tokyo Kata apresentam uma pesquisa sobre os processos de emancipação e educação de uma mulher, Naito Masu. O artigo entrecruza a abordagem histórica e a pesquisa biográfica. A história de vida estudada é, de fato, periodizada e tematizada a partir dos lugares habitados e dos diferentes “estratos relacionais” de Masu. Com base na pesquisa histórica, os autores fazem uma análise de fatores e critérios que permitem pensar os desafios, obstáculos e restrições, para uma dinâmica educativa das mulheres durante o período Edo. O texto apresenta também elementos relativos ao método e aos materiais de pesquisa (documentos pessoais, testemunhos...) utilizados para compreender a singularidade do percurso de uma pioneira da educação e da autoformação no Japão.

No texto *Um estudo sobre Instrução para dissertações de Mestrado e artigos de pesquisa para “Reflexão de experiência” em Escolas de ensino superior no Japão – baseado em entrevistas com gestores de escolas Graduação*, Kenji Miwa mobiliza abordagens biográficas para refletir sobre posturas e práticas pedagógicas em uma universidade do Japão. Trata-se, portanto, de apreender processos de aprendizagem na universidade, de um ponto de vista longitudinal, interrogando formas de saberes consideradas nas práticas de acompanhamento da formação, o reconhecimento dos saberes adquiridos dentro e fora da universidade, bem como os processos de transformação das perspectivas de vida durante e depois da vida universitária.

O sétimo texto, *Pesquisa em educação ambiental e significado da experiência: a profun-*

didade da história de vida provocada pelas relações mútuas, é produção de uma jovem doutoranda, Yuko Miki, que, baseada num relato em primeira pessoa, interroga de forma viva e audaciosa um dos desafios contemporâneos mais salientes de nossa época: a educação ambiental e a inscrição biográfica de uma consciência ecológica. Essa pesquisa de doutorado permite apreender a tensão dialética entre histórias de vida e dinâmicas de investigação para a formalização do projeto e a constituição de um método de pesquisa biográfica.

Os sete textos apresentados são oriundos de campos de pesquisa no Japão e de pesquisadores japoneses. Já o texto *Inter-relação entre biografia e etnografia: análise cultural como sistema experimental* vem do sul da Índia. Trata-se de um texto proposto por Sumathi Srinivasalu, Manjubarkavi Selladurai e Murniraj Mathaiyan, em que os autores buscam uma articulação entre “pesquisa etnográfica” e “pesquisa biográfica”. O artigo apresenta questionamentos às contribuições recíprocas das duas abordagens situadas nas pesquisas ditas qualitativas das ciências humanas e sociais, com base, notadamente, nas correntes da “autoetnografia”. Dentre os diferentes eixos da pesquisa apresentada no artigo, são analisadas as categorias culturais e as dimensões sociais da existência cotidiana com base em um trabalho que desvela as estruturas narrativas do sujeito.

Os diferentes artigos deste Dossiê oferecem, portanto, a possibilidade de compreendermos as formas contemporâneas da pesquisa biográfica e narrativa, em diferentes contextos: educação popular, saúde, educação superior, desenvolvimento comunitário. Pela divulgação destes trabalhos no Brasil e na Europa, onde os dossiês da *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica* são amplamente di-

fundidos, os domínios da educação, da formação e da pesquisa com narrativa podem entrar em diálogo, dentro de perspectivas ao mesmo tempo transculturais e transdisciplinares.

Tours, 15 de setembro de 2019

Hervé Breton¹⁸

EA7505, Universidade de Tours, França

¹⁸ Professor e Diretor do Departamento de Ciências da Educação e da Formação da Universidade de Tours. Seus trabalhos de pesquisa interrogam e examinam os efeitos da narrativa sobre os processos de auto-desenvolvimento e a formalização do conhecimento experiencial. Acompanha a pesquisa-ação no campo da Educação de Adultos: práticas narrativas, engenharia e acompanhamento do reconhecimento dos processos de aprendizagem experiencial em situações de trabalho, situações de cuidado e contextos de saúde. É codiretor da revista *Chemins de formation* (www.cheminsdeformation.fr) e Presidente da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação (ASIHVIF).